

AQUECIMENTO GLOBAL

Sob a sombra do tempo

Fiocruz mapeia a vulnerabilidade de municípios brasileiros às mudanças climáticas

CESAR BAIMA
cesar.baima@oglobo.com.br

Diz a anedota que no clima da Amazônia só existem duas estações: a que chove o dia todo e a que chove todo dia. A verdade, claro, é muito mais complexa que isso, mas outro fato é que, de acordo com as principais projeções feitas até agora, a região será uma das que mais vai sofrer com o aquecimento global. Dependendo do cenário para a evolução das emissões mundiais dos gases do efeito estufa, em algumas áreas a expectativa é de que até o fim do século a temperatura média suba em cerca de 7 graus Celsius, enquanto as precipitações podem se reduzir em mais de 40%, com longos períodos de estiagem que colocam em risco o delicado equilíbrio do bioma e, consequentemente, as populações que nele vivem.

E foi justamente em busca de dar uma dimensão humana a estes números climáticos que uma equipe de pesquisadores coordenada por Ulisses Confalonieri, do Centro de Pesquisa René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em Belo Horizonte, cruzou os dados das previsões para o futuro do clima na região entre 2041 e 2070 com informações sobre a realidade social, econômica, ambiental e de saúde atual dos 62 municípios do estado do Amazonas para o quanto vulneráveis eles estão às possíveis alterações nos padrões do tempo, assim como identificar quais são estas vulnerabilidades. Em breve, o grupo vai publicar resultados de levantamentos semelhantes para cinco outros estados (Espírito Santo, Pernambuco, Paraná, Maranhão e Mato Grosso do Sul) e pretende fazer o mesmo para o resto do país.

Segundo Confalonieri, o objetivo é ajudar os governos locais, estaduais e federal a priorizarem investimentos e melhor alocarem recursos em projetos que visem preparar os municípios às mudanças esperadas sobre três pilares: sua sensibilidade, que leva em conta fatores como pobreza, taxa de infecção por doenças associadas ao clima e situação demográfica (proporção de idosos na população, de famílias chefiadas por mulheres ou país muito jovens etc); sua exposição, que inclui o grau de preservação do ambiente e manutenção da cobertura vegetal e o histórico de eventos extremos, como secas ou inundações; e sua capacidade de resposta, ou seja, a qualidade da infraestrutura e instituições de cada município, como saneamento básico, acesso à água potável e a existência, ou não, de um departamento de Defesa Civil.

— A ideia deste índice é guiar a tomada de decisões relativas a projetos e investimentos em políticas de adaptação às mudanças climáticas — diz Confalonieri. — Mais do que saber qual município dentro de um determinado estado vai precisar de mais investimento, os tomadores de decisão saberão também o porquê de alguns estarem em pior situação que outro, como por exemplo se tem uma capacidade de resposta baixa por falta de infraestrutura ou tem uma exposição maior por ser mais sujeito a inundações para que se planeje sua proteção e prevenção dos efeitos de eventos climáticos.

INVESTIMENTOS EM ADAPTAÇÃO

Aluna de doutorado no René Rachou e integrante da equipe responsável pelo estudo, Júlia Menezes destaca que o novo índice vai além dos indicadores de vulnerabilidade municipal já calculados pela Fiocruz hoje, exatamente por incorporar uma dimensão climática à análise. Assim, se um município atualmente costuma enfrentar alagamentos e está preparado para isso, mas fica em uma região que no futuro do clima verá muito menos chuvas, os governos devem investir em adaptá-lo para um cenário de estiagem, e não de mais inundações.

— A mudança do clima é uma realidade e vai acontecer — lembra. — Diante disso, construímos uma ferramenta para que os governos saibam quais são suas deficiências de hoje frente aos cenários futuros, e o que podem fazer para a população sofrer menos lá na frente. ●

PREVISÕES E REALIDADE

LEVANTAMENTO CRUZOU PROJEÇÕES DO FUTURO DO CLIMA COM DADOS SOBRE SITUAÇÃO ATUAL DOS MUNICÍPIOS

ALTERAÇÃO NA TEMPERATURA (2041-2070)

EM GRAUS CELSIUS

- 1,4 - 1,8
- 1,9 - 2,2
- 2,3 - 2,6
- 2,7 - 3,0
- 3,1 - 3,4
- 3,5 - 3,8
- 3,9 - 4,2
- 4,3 - 4,6
- 4,7 - 5,0
- 5,1 - 5,4

VARIAÇÃO NA PRECIPITAÇÃO TOTAL ANUAL (2041-2070)

EM %

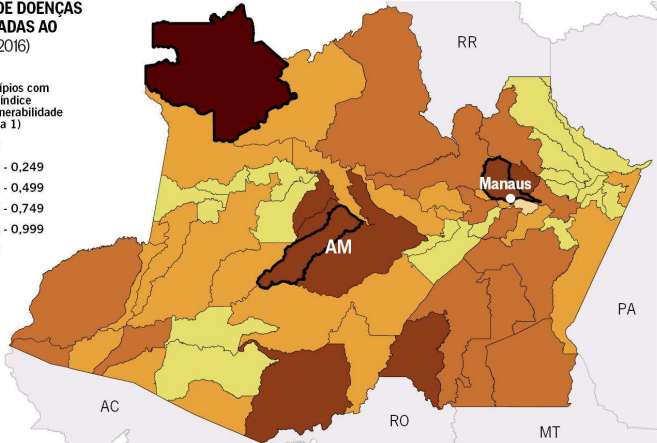
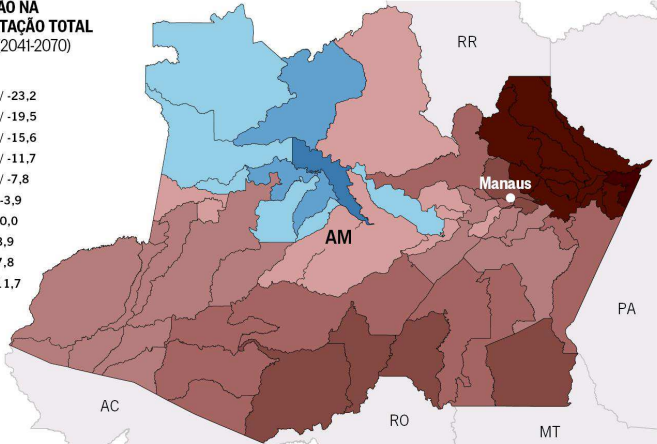
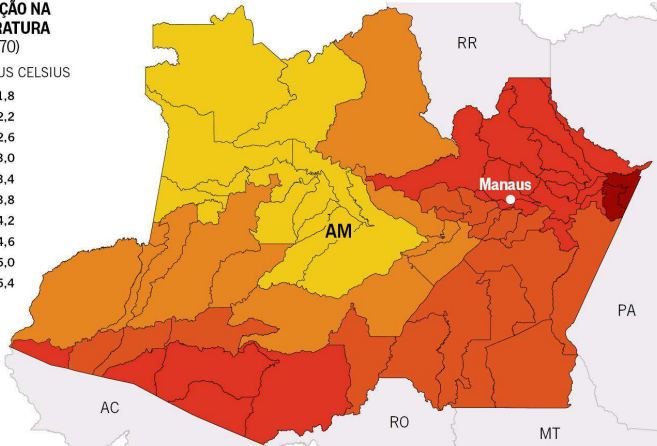
- 27,1 / -23,2
- 23,1 / -19,5
- 19,4 / -15,6
- 15,5 / -11,7
- 11,6 / -7,8
- 7,7 / -3,9
- 3,8 / 0,0
- 0,1 / 3,9
- 4,0 / 7,8
- 7,9 / 11,7

ÍNDICE DE DOENÇAS ASSOCIADAS AO CLIMA (2016)

Municípios com maior índice de vulnerabilidade (0,90 a 1)

- 0,000
- 0,001 - 0,249
- 0,250 - 0,499
- 0,500 - 0,749
- 0,750 - 0,999
- 1,000

Fonte: Fiocruz



Editoria de Arte

Brasil ratifica Acordo do clima de Paris

Termo com medidas práticas adotadas para cumprir as metas será publicado em novembro

CATARINA ALENCASTRO
catarina.alencastro@bsb.oglobo.com.br
EDUARDO BARRETO
eduardo@bsb.oglobo.com.br

BRASÍLIA - O compromisso internacional do aquecimento global foi oficialmente ratificado pelo Brasil ontem, com a assinatura do presidente Michel Temer. O presidente Michel Temer assinou a mação do tratado e, com isso, o governo promete a cortar as emissões de estufa do país em 37% até 2025, 2030, tendo como base o ano de 2012.

O tratado tinha sido assinado pelo presidente Dilma Rousseff em abril deste ano, nos EUA. Em julho o texto foi encaminhado para a Câmara dos Deputados e, em agosto, para o Senado Federal. Os planos são implementados para atingir as metas do acordo, mas só em novembro deste ano será publicado o documento com as condições que o Brasil vai adotar para cumprir o processo.

Números

197

PAÍSES

Assinaram o documento durante a COP-21, no ano passado

43%

DE EMISSÕES

É quanto o Brasil terá que cortar de gases do efeito estufa até 2030

mento ilegal da Amazônia até 2030

O Acordo de Paris foi assinado durante a COP-21, e os governos vem se comprometer com metas emissões. Entre as economias que tratado, estão EUA e China — os poluidores do planeta, respondendo lançamentos de gases nocivos à atmosfera.

O objetivo global é limitar o aumento da temperatura média mundial em menos de 2 graus Celsius em relação aos níveis pré-1990. Quando entrar em vigor, o acordo financeiro coletivo de no mínimo 100 bilhões por ano para países em desenvolvimento, os mais impactados pelas mudanças climáticas.

Até o momento, 27 dos 197 países do acordo, que respondem por 80% das emissões globais, já ratificaram após aprovação de seus parlamentos. O Brasil passa a valer a partir de agora, pelo menos 55 países, respondendo por 75% das emissões globais dos gases de efeito estufa. Deve haver ainda uma revisão das metas a cada cinco anos.